

José de Alencar Ávila Carvalho, uma saudade, não um adeus

MARILUZE FERREIRA DE ANDRADE E SILVA

Alencar Ávila, o mestre, no dia 29 de fevereiro nos privou de sua presença física para sempre, mas deixou em muitos um pouco de si mesmo, através dos conhecimentos que nos passou. Isto o tornará imortal na memória de todos que tiveram a felicidade da sua convivência e se enriqueceram com os seus conhecimentos.

Alencar Ávila não é um "adeus" porque ele não passou pela nossa vida. Ele entrou na nossa vida e vai estar sempre nela nas lembranças das tardes que passamos na sua casa, na sua companhia e na companhia da sua esposa Mara Ávila, comendo queijo, bebendo vinho ou tomando café com biscoito ou almoçando ou jantando e discutindo filosofia, artes e literatura. Corrigindo nossos textos,

ajudando-nos a dar a melhor forma redacional nos nossos trabalhos, traduzindo, fazendo versões, declamando poesias em diversas línguas, lendo a Bíblia em grego, tocando flauta e tantas outras coisas, mas acima de tudo preocupado com a cidade de São João del-Rei. Alencar não era um homem sóbrio, mas tinha um espírito barroco na medida em que era um defensor da preservação das formas barrocas da cidade e muito lhe entristecia saber que um monumento barroco de São João del-Rei estava dando lugar a um em estilo contemporâneo. Não porque não aceitasse o contemporâneo, mas porque ele via, aos poucos, a cidade rasgando as páginas da sua história com a demolição dos prédios em estilo barroco. E uma vez rasgada nunca mais será reconstruída. Será uma lembrança nas fotos que ficarão antigas e nas históri-

as contadas no papel que ficará envelhecido. Alencar não escondia esta sua preocupação com a cidade de São João del-Rei. Um homem ilustre, um espírito abençoado por Deus por uma mente privilegiada de conhecimentos. Era muito comum em sua casa, aos sábados, domingos, feriados, ou mesmo à noite, durante a semana, esses tipos de encontros, verdadeiros simpósios à moda grega. Por isso a sua história será contada no tempo presente e não no tempo passado porque o conhecimento que obtivemos dele não passará. Uma vez obtido será sempre presente.

Alencar Ávila, um homem da lei e das letras que colocou Deus acima de tudo suportando a dor dos seus últimos dias com resignação, sem gemidos nem lamentações. Um exemplo de fé. Um exemplo de força espiritual. Um neotomista que muito se

aproximava das idéias de Jacques Maritain.

Drummond, no seu poema "Resíduo", diz que de tudo que passa pela nossa vida fica um pouco do resíduo em nós. Aqui, parodiando Drummond, eu digo que de Alencar Ávila ficou um pouco da sua sabedoria, ficou um pouco da sua disponibilidade para nos ensinar e orientar, ficou um pouco da lembrança de um homem que, apesar de ser um intelectual, era um humanista, ficou um pouco da sua convivência com os amigos, um pouco do seu incentivo para seguir em frente, um pouco da sua acolhida e, juntando todos esses poucos, e mais outros poucos e tantos outros poucos, Alencar não passará, porque a muita saudade que ele deixa no coração dos amigos perpetuará a sua existência. Para ele a minha saudade, não o meu adeus.

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXI, edição 1.013, 14 de março de 2000, pág. 2)